



Projeções Conscientes Marcantes

Proyecciones Concientes Marcantes

Striking Conscious Projections

Silvio Rosendo

Resumo

Este artigo objetiva compartilhar vivências projetivas marcantes do autor e está fundamentado em casuístas pessoais de relatos projetivos, envolvendo uma Experiência de Quase-Morte - EQM e três projeções conscientes seriadas. As projeções relatadas foram ferramentas para a autoconstatação da multidimensionalidade, compreensão da multiexistencialidade e autopesquisa na busca do autoconhecimento, orientadores da proéxis do autor.

Palavras-chave: amparo de função; autobilocação; bariprojeção; EQM; projeção de autoconsciência contínua; visão panorâmica.

Resumen

Este artículo objetiva compartir vivencias proyectivas marcantes del autor y está fundamentado en casuístas personales de relatos proyectivos, englobando una Experiencia Cercana a la Muerte - ECM y tres proyecciones concientes en serie. Las proyecciones relatadas fueron herramientas para la autoconstatación de la multidimensionalidad, comprensión de la multiexistencialidad y auto-investigación en la búsqueda del autoconocimiento, orientadores de la proexis del autor.

Palabras clave: amparo de función; autobilocación; bariproyección; ECM; proyección de autoconciencia continua; visión panorámica.

Abstract

This article aims to share some of the author's striking projective experiences. It is based on personal casuists of projective reports, involving a Near-Death Experience - NDE and three serial conscious projections. The reported projections were tools for the self-confirmation of multidimensionality, comprehension of the multiexistentiality and the self-research in the search for self-knowledge, guiding the author's existential program.

Keywords: bary-projection; continuous lucid projection; function-specific helping; NDE; panoramic view; self-bilocation.

INTRODUÇÃO

Eram frequentes, na infância e adolescência, os sonhos em que sobrevoava a rua ou o bairro onde morava, resultando em grande prazer ao acordar.

Muitas vezes, sonhava estar sendo perseguido e tinha muita dificuldade em correr, tudo ficava em câmera lenta (*slow motion*). Nessas noites, acordava exausto e com medo.

Outras vezes, encontrava-me conversando com minha mãe ou caminhando pela casa, quando algum fato incomum me chamava a atenção. Percebia, então, que estava *dormindo*. Com medo da situação, tentava de tudo para acordar.

Também acontecia de acordar sem conseguir me mover nem falar, embora visse e ouvisse. Parecia que meu corpo era de ferro e pesava uma tonelada. Quanto mais força fazia para acordar, mais pesado e imóvel me sentia. Hoje, compreendo que me encontrava em catalepsia projetiva, estado caracterizado pelo enrijecimento dos membros, insensibilidade e incapacidade de mover o corpo físico, decorrente da descoincidência dos veículos de manifestação da consciência.

Era comum passar por essa experiência várias vezes durante a noite, antes que conseguisse acordar de fato. Com a repetição do evento, compreendi que a ilusão desse falso despertar se devia à minha ansiedade e expectativa de acordar. Por não entender o que acontecia, sentia medo e ficava ansioso.

Esses fenômenos foram diminuindo de frequência até os dias atuais, passando a ocorrer apenas ocasionalmente.

Além da catalepsia projetiva, vivenciei outros fenômenos relacionados à projeção, sendo 2 deles os mais significativos: EQM e projeção de autoconsciência contínua. Eles foram marcantes, pois proporcionaram a autocomprovação da existência dos veículos de manifestação da consciência em diferentes dimensões e multiexistências. Esses fenômenos foram os motivadores para a escrita do presente trabalho.

Segundo DRIES (2009; p. 24) “Tais experiências precisam ser compartilhadas entre consciências. Quando se inicia esse tipo de pesquisa, percebe-se a existência de pessoas que vivenciam experiências semelhantes, porém o medo do ridículo ou de serem taxadas de desequilibradas fazem com que não se exponham e escondam seus experimentos.”

O objetivo deste artigo é compartilhar as experiências vivenciadas por este autor, de forma a agregar informações para melhor compreensão sobre a projeção consciente e os fenômenos que ocorrem durante a exteriorização e interiorização do psicossoma.

Na escrita deste trabalho, foram utilizados: casuísticas pessoais de relatos projetivos e de EQM; estudos e pesquisas sobre fenômenos parapsíquicos; apontamentos feitos em cursos e laboratórios; consulta a vários sites pertinentes; leituras específicas; trabalho de autopesquisa; prática bioenergética; assessoria do IIPC/RJ através do setor de pesquisa científica.

O artigo está organizado em 2 seções: *Experiência de Quase-Morte – EQM* e *Projeção de Autoconsciência Contínua*.

I. EXPERIÊNCIA DE QUASE-MORTE – EQM

A Experiência de Quase-Morte (EQM) é a “ocorrência projetiva, involuntária ou forçada por circunstâncias humanas críticas, da consciência intrafísica, comum a doentes terminais, pacientes morituros e sobreviventes da morte clínica (primeira dessora).” (VIEIRA, 2008; p. 141)

Em 1984, aos 30 anos, recém casado, morando no Rio de Janeiro, minha esposa e eu tínhamos o hábito de ir à praia da Barra da Tijuca durante a semana, bem cedo. Naquele tempo, a praia sempre se encontrava vazia.

Em um desses dias, ao entramos na água, notei que minha esposa começou a nadar em direção ao mar aberto; percebi que com poucas braçadas ela já havia se afastado muito da beira d’água. Chamei seu nome para alertá-la sobre o que estava ocorrendo, mas ela não me ouvia.

Entendendo o perigo da situação, comecei a nadar vigorosamente em sua direção. Estávamos em uma correnteza que nos arrastava para alto mar. Essa formação é comum após uma ressaca. Devido à violência das ondas, em alguns lugares da praia, forma-se canal fundo por onde a água retorna, criando correnteza em direção ao alto mar.

Naquela época, não tínhamos conhecimento desse fato e, quando a alcancei, já estávamos bem longe da areia. Então, começamos a nadar de volta à praia, porém continuávamos sendo arrastados, lentamente, para mais longe.

Passado algum tempo, o cansaço e o desespero se fizeram presentes. Quando percebi que minha esposa havia afundado, busquei minhas últimas forças, mergulhei e, pegando-a pela cintura, empurrei-a para cima. Quando chegamos acima da água, ela ficou descontrolada e, com medo de afundar, agarrou-me e empurrou para baixo, para poder subir.

Naquele momento, senti minhas forças esvaindo-se. Comecei a descer lentamente em direção ao fundo do mar. Não consegui reagir, o cansaço se sobrepôs à minha vontade.

Não sei dizer por quanto tempo essa situação permaneceu. De repente, encontrei-me a uns 4 metros acima da água. Observei meu próprio corpo físico, no fundo do mar, através da água cristalina.

Experimentei a visão panorâmica projetiva, ao modo de *avalanche* de imagens detalhadas, em bloco e em sequência cronológica. Elas iniciavam na minha infância, passando por vários momentos e idades diferentes. Via situações simples e complexas vivenciadas durante minha vida. Em algumas estava sozinho, em outras interagiu com pessoas. Tudo passou feito filme, em que apenas assistia, até chegar naquele momento atual.

À minha esquerda, a uns 6 metros, havia um portal em formato elíptico de aproximadamente

3 metros de altura (diâmetro maior), pelo qual saia luz branca, difusa e suave. Ele parecia ter sido recortado no ar. Não havia moldura, apenas a abertura.

Estava sendo atraído, suavemente, para o portal. Fui envolvido por sentimento de êxtase. Paz profunda, vasta e imensurável tomou conta de mim. Era conduzido, lentamente, em direção ao portal. Conforme me aproximava dele, intensificava-se, ainda mais, a plenitude daqueles sentimentos. Palavras não têm alcance para explicitar o estado de regozijo em que me encontrava.

O movimento de minha esposa debatendo-se na água chamou minha atenção. Olhei para ela e percebi sua aflição. Permanecia magnetizado pelo portal.

Entendi, então, que havia uma escolha a ser feita: continuar em direção ao portal ou voltar para ajudá-la. Essa foi a decisão mais difícil já tomada em toda minha vida. Teria que renunciar à paz do universo e voltar.

No momento em que optei, percebi-me no fundo do mar e vi, de forma embaçada, minha esposa debatendo-se na superfície da água. Comecei a nadar em sua direção. Segurei-a, esforçando-me para manter sua cabeça fora da água.

Olhando para a areia, vi um rapaz próximo de um trailer. Comecei a agitar os braços no ar e gritar por socorro. O rapaz olhava em nossa direção e, após alguns instantes, como entendendo a situação, saiu de trás do trailer e correu para nos ajudar. Procurei acalmá-la e animá-la enquanto ele chegava.

Após algum tempo, nos alcançou. Perguntou como eu estava, se conseguia nadar junto com ele. Segurou minha esposa e orientou a direção em que deveríamos nadar para sair da correnteza e chegar à praia.

Ao sair da água, percebi que ela tinha desmaiado. Quando tentei andar, senti-me muito mal. Achei que também desmaiaria. O rapaz pediu que me levantasse, pois precisava de ajuda para carregá-la até seu carro. Colocamos minha esposa no banco de trás e seguimos até o posto de salvamento.

Chegando lá, fomos imediatamente atendidos e, gradativamente, nos recuperamos. Conversando com o rapaz, ele me disse ser salva-vidas, contratado pelo condomínio onde morávamos. Aquele era seu primeiro dia. Tinha decidido chegar um pouco mais cedo e estava tomando o café da manhã no trailer, quando sentiu vontade de ver como estava o mar. Demorou para crer que havia alguém dentro da água pedindo socorro, pois não tinha visto ninguém na praia quando chegou.

Ao chegarmos em casa, relatei a experiência de estar acima do mar e as demais vivências daquele dia para minha esposa e pedi que não comentasse com ninguém, pois certamente passaria por louco.

Passei várias semanas em ostracismo. Indignado, perguntava-me por que permanecer aqui se “lá” era tão maravilhoso. O mundo e as coisas existentes nele não faziam mais sentido nenhum para mim. Sentia-me feliz ao lembrar que um dia morreria, isso seria inevitável.

Do mesmo modo que em outros tipos de projeção consciente, a EQM possibilita comprovar a existência da multidimensionalidade e da multiexistencialidade. Ela proporciona, também, oportunidade de avaliar a vida através da visão panorâmica, favorecendo recins e nos alinhando à nossa proéxis.

Com o passar do tempo, fui me integrando novamente ao cotidiano da vida, porém nunca mais olhei para as pessoas e o mundo da mesma forma. Compreendi que a vida intrafísica é apenas passagem, oportunidade para evoluir. Priorizando atividades com sentido evolutivo, passei a dar valor mais adequado às questões cotidianas. A EQM deixou-me mais introspectivo.

Eu continuava, ocasionalmente, a ter projeções lúcidas involuntárias, e, com maior frequência, catalepsia projetiva. Entretanto, nunca me preocupei em pesquisar sobre o tema, simplesmente por achar que isso só acontecia comigo.

Só havia compartilhado essas experiências projetivas e a EQM, até então, com minha esposa e filha, que veio a nascer em 1985.

Em 01/10/2010, minha filha me enviou, por *e-mail*, um livro digitalizado chamado *Sonhos Lúcidos*, de Stephen LaBerge, o qual li em um só fôlego. Descobri, na época, que o fenômeno de EQM e as projeções conscientes eram comuns a várias pessoas.

A partir de então, já aposentado, comecei a pesquisar *websites* e frequentar instituições que abordavam esse assunto. Porém, logo me afastava, devido a ter posicionamento muito cético e não concordar com ideias e comportamentos religiosos ou místicos. Tinha dificuldade em encontrar informações de cunho não religioso ou místico sobre esse tema.

II. PROJEÇÃO DE AUTOCONSCIÊNCIA CONTÍNUA

Em agosto de 2014, através de informação obtida em *website*, entrei em contato com o Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia – IIPC, que pesquisa as projeções conscientes.

Em 27/11/2014, após concluir o Curso Integrado de Projeciologia - CIP, no IIPC-RJ, fui conhecer o Campus do IIPC em Saquarema - RJ. Lá vivenciei projeção de autoconsciência contínua inesperada.

Projeção de autoconsciência contínua é o “experimento em que a conscin mantém a lucidez em todos os momentos, ininterruptamente, com o prolongamento da vigília através do sono, desde a decolagem até a interiorização e o retorno ao estado da vigília física ordinária.” (VIEIRA, 2008; p. 923)

Inicialmente patrocinada por amparador de função, tal experiência resultou em autocomprovação, aprendizado e esclarecimento. A vivência ocorreu em 4 etapas, relatadas a seguir.

1. Etapa Preliminar

Após participar do laboratório de tenepes, às 21:30, fui para o quarto me preparar para dormir.

No banheiro, lavando as mãos, percebi algo deslizando rapidamente sob a pele, dos meus dedos para o antebraço. Pensei tratar-se de bicho, formiga, ou algo assim. Não dei importância. Quase imediatamente, voltou a acontecer. Olhei minha mão, o braço e não vi nada. Tinha sensação de que uma cobra da espessura de fio de cabelo havia corrido do meu dedo até o antebraço.

Após a 3ª vez, pensando tratar-se de algum problema, examinei minuciosamente a mão e o braço, não achando nada que justificasse o fato. Surgiu-me a idéia de ser uma sinalética. Naquele momento, ocorreu forte pressentimento de que algo estava para acontecer. Cheguei a ficar preocupado, mas me sentia seguro. Decidi deitar.

Não lembro de ter pegado no sono, mas, em dado momento, acordei. Abri os olhos. Estava em decúbito dorsal, com a boca aberta, olhando para o teto branco do quarto. Via claramente todos os detalhes do quarto. Por alguns poucos minutos, permaneci imóvel naquela posição, fitando o teto. Não pensava especialmente em nada. Estava acordado, lúcido e sentindo-me bem.

Comecei a perceber sensação estranha nos pés. Algo os envolvia. Choques contínuos e leves ocorriam neles. Apesar de incomuns, eram agradáveis.

Por algum tempo, esforcei-me para entender o que estava acontecendo. Porém, sentia-me cansado e pensei em dormir, mas a sensação foi gradativamente intensificando e subindo lentamente pelas pernas, até envolvê-las completamente. Posteriormente, todo o corpo foi envolvido.

Sentia-me desgrudando da minha pele. Tudo tremia. Parecia estar dentro de um jumbo aterrisando, utilizando todos seus sistemas de frenagem ao tocar o solo. Ouvia estalos e roncoss contínuos, os denominados *sons intracranianos*.

Experimentava a sensação de estar envolto em grossa cobertura de chocolate endurecido e, conforme me movimentava, o *chocolate* ia se quebrando. Ouvia perfeitamente os estalos da *camada grossa* se partindo. Estava mais curioso que assustado.

Naquele momento, atinei que podia me projetar. O medo se apossou de mim, devido a nunca ter vivido tal situação, mas não tinha volta: independente da minha vontade, começava a me projetar lentamente. Não havia como frear ou retroceder; a única coisa a fazer era relaxar e cooperar com a situação. Foi experiência única.

2. Primeira projeção

Estava fora do quarto, próximo à porta. Parecia estar preso em moldura de quadro, onde minhas mãos e pés tocavam os 4 vértices da mesma. Dessa moldura saiam fios grossos, translúcidos, de consistência gelatinosa, com várias gotas, lembrando teia de aranha translúcida após noite de orvalho.

Preso à moldura, caminhava com dificuldade, duro feito robô, quase não conseguia me mover. Minhas articulações estavam rígidas. Constatei a presença de consciex ao meu lado. Era homem de estatura média, cabelos cheios, lisos, meio grisalhos e penteados todos para trás. O rosto era bem arredondado, com expressão tranquila e firme. Tinha olhos pretos, lembrando o fenótipo do povo asteca, porém de pele clara. Vestia blusa azul clara, calça branca e sapatos pretos.

Ele me olhou, sorriu e disse com ar curioso: “você está engraçado, por que está andando assim?” Eu lhe respondi que me sentia preso e não conseguia caminhar direito. Ele orientou-me a usar a vontade e me livrar da moldura. Tentei com vontade e fui soltando, até me libertar por completo. Caminhei alguns passos junto à consciex e despertei.

A moldura era provavelmente a figuração do lastro energético com o qual me encontrava projetado. O fato de não ter feito nenhuma técnica, e não estar pensando em projeção, fez-me concluir que fora uma projeção assistida e que a consciex era o amparador que promovera tal projeção.

3. Segunda projeção

Ao despertar, permaneci na cama e a sensação de descoincidência era intensa. Sabia que poderia me projetar de novo. Estava deitado de lado, virado para a parede.

Fui movimentando meu psicossoma e sentindo sua separação do soma. Afastava-me lentamente, de costas, olhando para meu corpo. Flutuando, aproximadamente a uns 30 cm do soma, vi entre o psicossoma e o soma massa amorfa, semelhante a fumaça muito densa, que identifiquei ser o energossoma.

Ao me afastar mais, observei todo meu corpo físico, experimentando mais ricamente o fenômeno da *autobilocação consciencial*.. Ainda via meu energossoma, mas rarefeito.

Virando a cabeça, para observar melhor o local, vi que já não me encontrava no mesmo quarto. Estava em outro ambiente, onde havia cômoda com vários objetos em cima.

Minha visão começou a embaçar e escurecer. Fiquei preocupado em perder a lucidez e comecei a manusear e apertar os objetos. Percebi consciex próxima, observando-me e incentivando-me a continuar. Ela orientava com muita tranquilidade e segurança: “isso, vai, experimenta!”.

Nenhum dos objetos tinha alguma peculiaridade que pudesse ajudar a comprovar minha estada naquele local. Todo meu esforço e atenção estavam voltados para obter provas, de modo a demonstrar para mim, no intrafísico, que aquela vivência havia sido real.

Encontrei um relógio digital, com dígitos grandes e vermelhos. Tentei ver as horas, mas não consegui. Peguei-o, então, e coloquei bem próximo ao rosto. Fixei o olhar no mostrador e concentrei-me por alguns segundos para visualizá-lo ao máximo. Identifiquei os números 01:00, indicando que era 01:00 hora da madrugada.

Observei mureta próxima e tentei atravessá-la com a mão. Não consegui. Dei soco com o lado externo da palma da mão, sentindo um pouco de dor. A consciex, ao meu lado, continuava me incentivando a fazer outros experimentos: “aproveita, isso, insiste, você consegue, tente outra vez, com vontade”.

Minha visão começou a escurecer novamente. Lembrei-me ter lido que bater palmas ou esfregar as mãos melhora a lucidez. Comecei a bater palmas e esfregar as mãos, freneticamente, na frente dos olhos para tentar manter a lucidez.

Acordei batendo palmas, desajeitadamente, próximo do meu rosto. Fiquei frustrado, pois havia perdido grande oportunidade de projeção.

O motivo de não conseguir atravessar estruturas sólidas poderia ser o condicionamento intra-físico, que nos remete à ideia preconcebida que tal prática é impossível de se executar, inviabilizando a ação. Com a rotinização das projeções, esses condicionamentos tendem a ser superados. Outra hipótese é a possibilidade do psicossoma estar muito lastreado. Essa situação pode ser minimizada com a exteriorização de energias pelo projetor.

4. Terceira projeção

A sensação de descoincidência permanecia. Estava claro que podia me projetar outra vez. De olhos abertos, deitado de lado e voltado para parede, acomodei-me o mais confortável que podia e pensei: “vou sair de novo”.

Comecei a sair, lentamente, como se fosse sentar na cama. Ao mesmo tempo, com a cabeça virada em direção ao corpo físico, percebia-o deitado na cama.

Ao virar a cabeça para a porta, percebi-me em rua de terra, com pequena inclinação. Do lado esquerdo, subia parede de barro, como se a rua tivesse sido escavada em um morro. Lá em cima havia vegetação densa, tipo floresta. Do lado direito, a vegetação era rasteira.

Estava consciente. Vi uma loja de esquina com movimento de pessoas. Em frente à mesma, havia carrocinha de sorvete. Fui em direção a ela.

Do meu lado esquerdo, a me observar, caminhava a mesma consciex que me acompanhou nas projeções anteriores. Do lado direito, havia outra consciex, um menino com aparência de 9 anos de idade. Eu o tratava como se fosse parente. Provavelmente o conhecia, porém, não relatei sua fisionomia com a de alguém familiar.

Chegamos à carrocinha de sorvete. Pedi picolé de chocolate e o entreguei ao menino. Ele me perguntou: “é para mim?” Afirmei que sim. Ele, então, falou que queria de coco. Pedi picolé de coco e dei para ele.

Perguntei ao vendedor qual era seu nome. Um pouco a contragosto, respondeu, porém não me recordo agora do nome.

Queria, posteriormente, verificar se o rapaz da carrocinha se chamava “fulano” e se ele havia me vendido o sorvete de coco que dei para o menino. Infelizmente, não me preocupei em saber em qual local estava, o que impossibilitou a posterior verificação.

Depois de entregar o sorvete de coco, virei-me para a consciex que permanecia à minha esquerda e lhe disse que queria ver meu soma. Ela sorriu. Parecia que aguardava esse pedido. Ergueu, então, o braço direito, apontando com o indicador para frente: “lá, você vê?” Eu olhei na direção em que apontava e vi um corpo deitado na cama, mas estava muito longe para afirmar que era realmente meu soma. Respondi sim, e ele disse: “então vai”.

Comecei a caminhar em direção ao corpo deitado na cama. Após poucos passos, já me encontrava dentro do quarto, parado como se tivesse acabado de entrar pela porta.

Verifiquei detalhadamente o corpo na cama e confirmei que era o meu. À minha direita, havia estante onde tinha deixado algumas folhas de papel. Amassei-as com as duas mãos, pensando: “quando voltar ao corpo vou verificar se estão amassadas”.

Olhava para todos os lados, tentando encontrar maneira de deixar algum rastro, prova do que tinha acontecido. Percebi que a consciex sorria ao me ver aflito, amassando os papéis.

Cheguei junto à cama. Observei a posição do soma e pensei em recoinidir para verificar qual seria a sensação do retorno ao corpo.

Fui me aproximando do soma, flutuando lentamente. Quando estava bem próximo, percebi o energossoma tornando-se cada vez mais denso, até recoinidir totalmente.

De volta ao soma, continuava descoincidido. Pensei em me projetar outra vez, mas estava sentido forte coceira no braço, provocando o fim da descoincidência.

Levantei-me e peguei o celular para verificar a hora. Eram 01:07h. Em seguida, fui ver as folhas de anotações na prateleira, e não havia nenhuma amassada, estavam da forma que as deixei antes de ir para cama. Lembrei de fazer o registro, para não esquecer aquele evento tão cheio de detalhes.

Após terminar de escrever os registros, tentei voltar a dormir, mas não consegui, devido ao estado de euforia em que me encontrava.

O fato de, no extrafísico, tratar o menino como se fosse parente, e não relacioná-lo com alguém conhecido no intrafísico, aponta para a possibilidade de ser parentesco ocorrido em vidas anteriores.

A constatação, após acordar, das folhas de papel na estante não estarem amassadas corrobora a ideia da existência dos morfopenses. Portanto, as folhas amassadas eram *extrafísicas*, e não físicas.

CONCLUSÃO

Segundo VIEIRA (2008; p. 850), “Reflexão. O fenômeno da projeção consciente, com elevado percentual de lucidez, desafia o raciocínio do indivíduo, gera inevitável aumento da sua reflexão mental e faz com que o mesmo pare para pensar, observando mais atentamente as coisas da vida em seu

derredor e repensenize, de fato, a sua visão do Cosmos. Tais efeitos acabam por ocasionar mudanças individuais maiores ou menores de opinião e comportamento, sendo esta mais uma utilidade evidente da projeção consciente ou da projetabilidade lúcida da conscin.”

O estudo dos fenômenos parapsíquicos foi a base do aprendizado no meu processo projetivo. Entender e diferenciar cada fenômeno, estudar e aplicar técnicas projetivas proporcionou-me autonomia para realização de outras projeções lúcidas e com mais segurança.

As projeções relatadas neste artigo foram marcos que possibilitaram-me experiências em outras dimensões, vivências interativas através dos veículos de manifestação, obtenção de informações e compreensão das múltiplas existências.

Todas aquelas vivências me possibilitaram obter autocomprovações das premissas do paradigma consciencial, base da Conscienciologia. Elas despertaram, também, a necessidade de aprofundamento nas autopesquisas projeciológicas e vivências ocorridas no extrafísico.

REFERÊNCIAS.

1. DRIES, Silda; *Teoria e Prática da Experiência Fora do Corpo*; 2ª Ed.; Associação Internacional Editores; Foz do Iguaçu, PR; 2009.
2. VIEIRA, Waldo; *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*; Associação Internacional Editores; Foz do Iguaçu, PR; 2008.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

1. LABERGE, Stephen; *Sonhos Lúcidos*; 1990; Siciliano; São Paulo; 1990.
2. LOPES, Tatiana; *Desenvolvimento da Projetabilidade Lúcida*; Associação Internacional Editores; Foz do Iguaçu, PR; 2016.
3. MONROE, Robert; *Viagens Fora do Corpo*; Record; Rio de Janeiro, RJ; 1972.
4. MOODY, Raymond; *Vida Depois da Vida*; 16ª Ed.; Nórdica; Rio de Janeiro, RJ; 1975.
5. VIEIRA, Waldo; *700 Experimentos da Conscienciologia*; Instituto Internacional de Projeciologia (IIP); Rio de Janeiro, RJ; 1994.
6. VIEIRA, Waldo; *Projeções da Consciência: Diário de Experiências Fora do Corpo Físico*; 4ª Ed. rev.; Instituto Internacional de Projeciologia (IIP); Rio de Janeiro, RJ; 1992.

Silvio Rosendo, graduado em Engenharia Eletrônica; voluntário do IIPC no Rio de Janeiro desde março de 2015; docente de Conscienciologia desde maio de 2016.

E-mail: silvio99@gmail.com